
Do Litoral ao Centro-Oeste: Ensino de jornalismo local/regional em duas universidades estaduais

Antonia Alves PEREIRA¹

Sonia Virgínia MOREIRA²

Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, MT

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo analisa o ensino de jornalismo local e regional nas grades curriculares de duas universidades estaduais, Uerj e Unemat, para verificar se a formação em jornalismo nas duas instituições contribui para o reconhecimento de pautas sobre desenvolvimento local e regional em ambientes de forças políticas e econômicas distintas. Observa se as disciplinas presentes nos respectivos projetos pedagógicos incluem as abordagens regionais sugeridas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de 2013. Em termos históricos e geográficos o artigo confirma a relação intrínseca entre os estados de Mato Grosso e do Rio de Janeiro, facilitada pela navegação fluvial, em especial o Rio Paraguai, que permitia chegar à capital federal atravessando os países vizinhos Paraguai e Argentina.

Palavras-chave: ensino superior; formação em jornalismo; projeto pedagógico; geografia local e regional; diretrizes curriculares

Introdução

A profissão de jornalista tem uma longa tradição e está vinculada ao surgimento dos sistemas europeus de impressão pelo menos desde o século XV. Como registram Briggs & Burke (2004), o ano de 1450 “é a data aproximada para a invenção na Europa, provavelmente por Johann Gutenberg de Mainz”, de uma prensa gráfica que usava tipos móveis de metal. “Por volta de 1500, haviam sido instaladas máquinas de impressão em mais de 250 lugares na Europa (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 26). No século XVII, a evolução do aparato técnico que possibilitou o advento da imprensa e do

¹ Doutoranda em Comunicação no Doutorado Interinstitucional Capes/UERJ/Unemat; e professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: antoniaalves@unemat.br.

² Pesquisadora do CNPq, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, doutora em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes da USP, e-mail: soniavm@gmail.com

conceito de notícia seria o tema da primeira tese em jornalismo, por Tobias Peucer³ em 1690 na Universidade de Leipzig na Alemanha com o título “Os relatos jornalísticos”:

Atesto que não há nada que satisfaça tanto a alma humana como a história, seja qual for a maneira como tenha sido escrita. Pode ser que não oferecerei ao leitor uma obra ingrata se elaboro um comentário sobre as publicações de notícias (*novellae*) das quais há hoje uma grande abundância (PEUCER [1690]2004, p. 14-15).

O tempo e o espaço do jornalismo como profissão/atividade estão na base dos argumentos que desenvolvemos neste artigo.

No Brasil, a autonomia pedagógica do curso de Jornalismo, que havia sido perdida com a implantação do Currículo Mínimo de Comunicação Social de 1969 quando o jornalismo foi separado da formação geral estabelecida como “comunicador social”, passa a ser recuperada conforme argumenta a Comissão de Especialistas nomeada pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2009). No hiato de 20 anos, apontado pelos especialistas na proposta do estudo das DCNs, inexistia conteúdo voltado para a teoria, a ética, a deontologia e a história do jornalismo. A comissão encarregada das novas DCNs partiu do pressuposto de que não existe a profissão de “comunicador social” e sim de “jornalista”, como demonstra a Classificação Nacional de Atividades Econômicas-CNAE⁴, sob gestão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006).

Desde as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de 2013, os cursos de Jornalismo (com sua autonomia recuperada) ainda buscam equilíbrio no campo teórico da Comunicação e do Jornalismo e estão abertos ao diálogo, à flexibilidade e à relativização, conforme demonstraram Meditsch e Kronbauer (2018, p. 59) ao observar os projetos pedagógicos de dez instituições de ensino superior (IES). Os autores perceberam que as IES públicas se ocupam mais das demandas e limitações do mercado voltando-se para uma prática jornalística mais crítica e atenta às demandas sociais e informação comprometida com o interesse público, ao passo que as IES privadas optam “por garantir a empregabilidade” permeada por uma visão de “comunicador polivalente”.

³ A tese de Peucer foi traduzida para o português por Paulo da Rocha Dias, inicialmente publicada na *Revista Comunicação & Sociedade* (UMESP) n° 33, 2000 e reproduzida na revista *Estudos de Jornalismo e Mídia* (UFSC), vol. I, n°2, 2004, p. 13-29.

⁴ Em: <https://cnae.ibge.gov.br/classificacoes/por-tema/atividades-economicas/classificacao-nacional-de-atividades-economicas>

Ancorado na teoria e na prática, o ensino de jornalismo se volta para demandas regionais e locais a partir de critérios de noticiabilidade e valores-notícias que levam à identificação da relevância dos acontecimentos. Para Wolf (2003, p. 202), os “valores-notícias são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente”.

A sociedade em rede (CASTELLS, 2009) em constante mutação tecnológica, digital e midiático-cultural faz do espaço um “meio técnico-científico-informacional que é “a cara da globalização” (SANTOS, 1999, p. 11). Fatos locais reportados pelos meios regionais repercutem em âmbito nacional e global, num processo que combina linha editorial, critérios jornalísticos e características do público. Interessa-nos aqui entender o processo de diálogo que se estabelece com o ensino do jornalismo local de forma a contribuir para a transformação social com proposições de “um outro mundo possível” (SANTOS, 2019) e “contra-hegemônico” (SOUZA SANTOS, 2002).

Os autores sugerem que iniciativas locais são repostas a pressões globais. Uma visão sistêmica eliminará o “pensamento único” legitimado por processos hegemônicos e pelos sistemas de mídia, permitindo reencontro entre as noções de mundo e de lugar ao fazer novo uso das técnicas incorporadas ao território e ressignificar a natureza humana, tecnológica e filosófica (SANTOS, 2019, p. 174). É no espírito do lugar que a globalização contra-hegemônica ganha forma nos contextos específicos pois os atores sociais passam a vivenciar um processo cosmopolita expresso no localismo globalizado e no globalismo localizado (SOUZA SANTOS, 2002, p. 75). As economias locais e comunitárias se apresentam como “espaços para diálogos interculturais” e oportunidades de lutas emancipatórias para uma sociabilidade transnacional democrática e ecosocialista, completa Menezes (2002, p. 73).

Nessa conjuntura, o jornalismo local se destaca como espaço para debater o desenvolvimento regional focado na informação de proximidade em relação aos interesses locais e regionais (BORBA, 2019, p. 31). Pesquisadores como Peruzzo (2005), Dornelles (2004; 2010), Marques de Melo (2006), Camponéz (2002; 2012) e Aguiar (2016) têm discutido a mídia regional a partir de proposições que corroboram os conceitos de Boaventura Souza Santos e de Milton Santos ao reforçar a valorização das iniciativas locais por meio do olhar sistêmico, cosmopolita e de solidariedade coletiva.

A mídia local produz informações de proximidade em territórios de pertencimento e de identidade e pode evoluir para audiência nacional ou até mesmo internacional dependendo do grau de interesse potencial (PERUZZO, 2005, p. 44). O critério de proximidade da imprensa regional realiza um “pacto comunicacional” no contexto de “comunidades de lugar” por meio das dimensões territoriais, temporais, psicoafetivas, socioprofissionais e socioculturais (CAMPONEZ, 2002, p. 36). A vivência territorializada leva as comunidades a se reconhecerem com base em valores e interesses construídos e recriados localmente no espaço geográfico do projeto editorial, no lugar da produção noticiosa, no espaço da difusão da informação, no tipo de conteúdo compartilhado e na definição dos públicos (CAMPONEZ, 2012, p. 36).

Para Dornelles (2010, p. 241), a transversalidade do conceito de proximidade torna a informação local plural e promotora de uma “saudável vida democrática” por meio da troca de ideias, do debate com os leitores que assumem atitude participativa no ambiente que os rodeia e que é reportado por “jornalistas-assistentes do cidadão”. A informação local se refere a bairros, comunidades ou cidades pequenas que mantêm organizações de mídia com estrutura profissional mínima e filosofia editorial que contempla interesses e demandas do espaço de sua inserção. O jornal interiorano estabelece o “localismo”, elemento que tanto nutre a sua existência como fiscaliza sua produção noticiosa e sua imparcialidade (DORNELLES, p. 133; 242).

Os vínculos de pertencimento fazem da mídia de proximidade um espaço de mediação para o desenvolvimento da cidadania, entretanto há situações que podem comprometer a informação de qualidade no jornalismo local como vínculos políticos e atuação de assessorias de comunicação (PERUZZO, 2005, p. 69). Em tempos marcados por aspirações de cidadania, os cursos de jornalismo podem assegurar ensino, pesquisa e experimentação para a construção de “um jornalismo comunitário que, sendo fiel às demandas coletivas, tenha capacidade de manter-se de acordo com os princípios da livre-iniciativa e do pluralismo democrático” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 144).

No livro *Territórios do Jornalismo*, Sonia Aguiar (2016) problematiza os conceitos de jornalismo local, regional e “do interior” em diálogo com conceitos de espaço, território, região e escala. Para ela, a escala espaço-temporal é privilegiada no jornalismo de proximidade, sendo fundamental para “compreender e entender as dinâmicas próprias das escalas jornalísticas e midiáticas” (p. 53). Deste modo, o jornalista precisa atentar para a complexidade da produção jornalística em diferentes

recortes geográficos (global, internacional, nacional, regional e local). Com suas singularidades e particularidades, a escala local se materializa em recortes, dentre os quais o “hiperlocal” e “comunitário”, enquanto a escala regional se refere à região ou a aglomerados urbanos em relação a algum fator identitário (AGUIAR, 2016, p. 91).

Buscamos compreender neste artigo o jornalismo local-regional na perspectiva do ensino para verificar se a formação do profissional contribui para o reconhecimento de pautas sobre desenvolvimento regional em meio a manifestações de forças políticas e econômicas localizadas. Observamos se as disciplinas nos projetos pedagógicos incluem as características regionais sugeridas nas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Características das universidades estaduais

As duas universidades estaduais consideradas nesta análise coincidem em relação ao pioneirismo na adoção de políticas afirmativas para ingresso e permanência de estudantes das classes C e D (desde 2003 na Uerj; e desde 2005 na Unemat) e na atuação *multicampi* em territórios que passaram por alteração nominal, resultante da reconfiguração político-espacial nos estados do Rio de Janeiro e de Mato Grosso.

A Uerj adota percentuais de vagas para estudantes da rede pública (20%), negros, indígenas e quilombolas (20%), estudantes com deficiência e filhos de policiais, bombeiros e inspetores de segurança e administração penitenciária (5%) por meio de leis estaduais⁵ que beneficiam alunos de escolas públicas, negros e pardos, com reserva vagas. Na Unemat, 60% das vagas são destinadas a alunos de escolas públicas, contemplando negros (25%), indígenas (5%) e pessoa com deficiência (5%), sendo que esse processo ganhou força com o Programa de Integração e Inclusão Etnicorracial que atende às etnias indígenas desde 2001 em todos os cursos, assim como por cursos destinados a essa população pela Faculdade Multidisciplinar Indígena (Faindi).

A Uerj é mais antiga, criada pela Lei nº 547 como Universidade do Distrito Federal⁶ em 1950, com a fusão de cinco faculdades. Foi rebatizada como Universidade do Rio de Janeiro em 1958; como Universidade do Estado da Guanabara em 1961, com a transferência da capital federal para Brasília. Em 1975 assumiu a nomenclatura atual,

⁵ As leis estaduais instituídas no Rio de Janeiro são: nº 3.524/2000, Lei nº 3.708/2001; nº 4.151/2003; nº 5.074/2007 (que altera a Lei nº 8.121/2018) e nº 5.346/2008; nº 8.121/2018.

⁶ Instituição distinta da então UDF, criada em 1935 idealizada pelo então Secretário de Educação do Distrito Federal Anísio Teixeira. Extinta em 1939, foi incorporada à Universidade do Brasil, que em 1975 assumiu a denominação Universidade Federal do Rio de Janeiro (CPDOC/FGV).

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A Unemat surge em 1978 como autarquia municipal no interior do estado com o Instituto de Ensino Superior de Cáceres; passou à instância estadual em 1985 como Fundação Centro Universitário de Cáceres; e em 1989 para Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres. Em 1992 tornou-se Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso, chegando à sua denominação atual no ano seguinte, Universidade do Estado de Mato Grosso pela Lei Complementar nº 30, de 15/12/1993.

A atuação *multicampi* ocorre de modo diferenciado em relação à extensão territorial (Mato Grosso com 903.357 km² e o Rio de Janeiro com 43.696 km², 4,83% da área de MT) e à densidade populacional (16 milhões de habitantes no estado do Rio de Janeiro e pouco mais de 3,52 milhões no estado de Mato Grosso, 22% da população do estado do Rio de Janeiro). A Uerj mantém *campi* em cinco dos 92 municípios fluminenses (Rio de Janeiro, São Gonçalo, Duque de Caxias, Petrópolis, Resende, além do campus em Ilha Grande) e a Unemat em 13 *campi* (Sinop, Alta Floresta, Nova Xavantina, Alto Araguaia, Pontes e Lacerda, Luciara/Médio Araguaia, Colíder/Vale do Teles Pires, Barra do Bugres e Tangará da Serra, Diamantino e Nova Mutum – os dois últimos incorporados em 2013). A Unemat está presente em 46 dos 141 municípios pois conta também com 33 núcleos pedagógicos e polos de apoio presencial⁷ para vencer as barreiras geográficas impostas pela extensão territorial” (UNEMAT, s/d). Os *campi* da Uerj distam da sede entre 66 km (Petrópolis) e 275,8 km (Resende), e na Unemat, entre 153 km (Barra do Bugres) e 1.200 km (Luciara). Na sede da instituição, a Unemat conta com duas unidades no campus de Cáceres e a Uerj, com *campi* em sete bairros cariocas.

Em busca de autonomia política após a mudança da capital federal para Brasília, o então Distrito Federal foi transformado em estado da Guanabara no início da década de década de 1960 (SILVA, 2010). Em 1975 a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro provocou impactos econômicos e políticos, visando sua integração nacional e expansão industrial competindo em igualdade econômica com os estados do Sudeste, conforme justificara o governo federal.

Historicamente, há uma intrínseca relação entre Mato Grosso e Rio de Janeiro, possibilitada pela navegação em vias fluviais, em especial o Rio Paraguai, que permitia chegar à capital federal atravessando os países vizinhos Paraguai e Argentina. Um personagem marcante desta saga é o mato-grossense Marechal Cândido Mariano

⁷ Os núcleos são instâncias temporárias vinculadas a um campus universitário para atender ao município responsável financeiramente pelos cursos demandados. Os polos de educação a distância são centros de apoio presencial entre as IES do estado em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Rondon, descendente das etnias Bororo e Terena, que contribuiu para o relacionamento entre os dois estados e realizou a integração com o restante do país com a instalação das linhas telegráficas e a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

País de dimensão continental, o processo de regionalização do Brasil é dinâmico, tendo passado por zonas fisiográficas (1940), microrregiões homogêneas (1968), mesorregiões e microrregiões geográficas (1989) e regiões geografias intermediárias e imediatas (2017), sendo que esta última considera a classificação das regiões de influência das cidades (REGIC, 2020) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em que a capital carioca é “metrópole nacional” e Cuiabá, “capital regional A”, sedes dos cursos de Jornalismo da Uerj e da Unemat.

Enquanto o curso da Uerj está em uma das cinco regiões intermediárias⁸ do estado fluminense, o curso de oferta contínua da Unemat está na região imediata de Tangará da Serra, tendo presença nas regiões intermediárias de Rondonópolis (curso extinto e o futuro), assim, como passou pela imediata de Alta Floresta (2013-2016). Dez anos depois da sua fundação, o curso migrou de Alto Araguaia (15 mil habitantes) para Tangará da Serra (100 mil habitantes) e as turmas especiais demonstram a mobilidade da instituição para atender o ensino superior na região.

De acordo com o IBGE (2017, p. 23), as Regiões Imediatas e Intermediárias são balizadas em termos de número mínimo e máximo de municípios na sua composição e seguem critérios de homogeneidade, proporcionalidade territorial e municipal, contemplando regiões com a mesma hierarquia, embora com extensões territoriais e quantitativo diverso de municípios. Nos relatórios da Regic os serviços de mídia predominam dependendo da sua posição na hierarquia dos centros urbanos. Nessa perspectiva, as geografias da comunicação ajudam a explicar os processos de urbanização, dos conceitos de lugar, espaço, escala, território e região.

As Diretrizes Curriculares Nacionais na dinâmica regional

Considerando que as DCNs deram autonomia curricular para a elaboração dos projetos pedagógicos que restaurem a identidade do jornalismo (BRASIL, 2009, p. 3), propomos observar a dinâmica de inserção do jornalismo local e/ou regional como

⁸ Regiões intermediárias do RJ: Volta Redonda-Barra Mansa, Petrópolis, Campos dos Goytacazes, Macaé-Rio das Ostras-Cabo Frio; regiões imediatas: Rio de Janeiro, Angra dos Reis e Rio Bonito. Regiões intermediárias de Mato Grosso: Barra do Garças, Cuiabá, Cáceres, Rondonópolis e Sinop; imediatas são as mesmas acrescidas de Alta Floresta e Tangará da Serra.

disciplina específica ou como parte de conteúdos de disciplinas nos projetos pedagógicos da Uerj e da Unemat.

Da sala de aula para a esfera pública, regional e local. O ensino de jornalismo propicia uma sólida formação humanística que leva à formação integral, ao pensamento crítico, ao engajamento moral e ao envolvimento com direitos humanos, tolerância e solidariedade (D'ÁVILA; CAMPIOLO, 2018, p. 22). Para os autores, esse percurso corresponde ao pensamento de Paulo Freire de que formar “é criar possibilidades para a produção ou construção do conhecimento”. Assim, compreende-se que a dinâmica regional e local se insere no eixo de formação humanística pois “um dos horizontes das DCNs é capacitar os futuros jornalistas a olhar o local, regional e nacional”, pois conhecer as raízes, as causas sociais, políticas e culturais torna-se “terra adentro com um olhar no panorama nacional e internacional” (IBIDIM, p. 36).

A formação possibilita a inserção do egresso na realidade local como produtor e difusor de informações e conhecimentos de interesse para a cidadania e para os processos socioculturais e políticos, “sem descuidar dos processos de globalização, regionalização e das singularidades locais e da vida cotidiana” (DCNs, 2013, p. 5). Assim é descrito o objetivo do eixo de “fundamentação humanística”, um dos seis eixos formativos listados no art. 6º, complementado pelos demais: fundamentação específica (II), fundamentação contextual (III), formação profissional (IV), de aplicação processual (V) e de prática laboratorial (VI).

O documento orienta o equilíbrio entre teoria e prática nos contextos local, regional e nacional (art. 9º, III) para contribuir com o desenvolvimento local, social e da cidadania (art. 16, III), pois o perfil profissional generalista, humanista, crítico, ético e reflexivo é desenvolvido por meio de competências, habilidades, conhecimentos, atitudes e valores que se voltam para a sustentabilidade, pluralidade de ideias e de opiniões, conhecimento da realidade social, diversidade regional, valorização das singularidades locais, comunitárias e da vida cotidiana (eixo I). Assim, as manifestações públicas, industriais e comunitárias (eixo II) se materializam pela extensão comunitária (art. 12, II) e pela comunicação comunitária, estratégica ou corporativa (art. 5, III). Temáticas ligadas à cultura afro, sustentabilidade na região amazônica e direitos das crianças, adolescentes e idosos no eixo I de dez PPCs foram relatados por D'Ávila e Campiolo (2018, p. 38) que também perceberam a existência de disciplinas de outros eixos voltadas para a comunicação regional e a interdisciplinaridade.

Comparações dos projetos pedagógicos dos cursos pré e pós DCNs 2013

Criados como Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, os cursos tiveram por alterações antes e depois da promulgação das DCNs em 2013 quando oferecer Bacharelado em Jornalismo. Criado pela Portaria Ministerial nº 769/93 (D.O.U de 12/05/1993), o curso de Jornalismo da Uerj, juntamente com a habilitação de Relações Públicas, está vinculado à Faculdade de Comunicação Social e teve reformulações curriculares empreendidas em 2003 e 2014. Em Mato Grosso, o curso da Unemat⁹ foi aprovado em 2005, passando por adequação de matriz em 2008, 2013 e 2016, em Alto Araguaia, e em 2019 e 2021, em Tangará da Serra. As turmas especiais em Alta Floresta e em Rondonópolis conservaram os PPCs vigentes na ocasião de sua oferta. Para averiguar as matrizes curriculares vigentes, nosso olhar se volta para a Deliberação nº 35/2014 da Uerj e para a Resolução nº 032/2021-Conepe/Unemat.

Particularidades da Unemat podem ser visualizadas na oferta de turmas especiais de Jornalismo para atender demandas de municípios (Alta Floresta e Rondonópolis), na “migração” de uma cidade pequena para uma maior (Alto Araguaia/Tangará da Serra) e conjuntura das faculdades multidisciplinares com cursos de diferentes áreas do conhecimento. Esse último item motivou adequações de matriz curricular de todos os cursos da instituição para atender deliberações internas em 2013 e 2021, quais sejam: ementas compatíveis com a formação humanística e atendimento à creditação da extensão¹⁰ no ensino superior. Na última alteração, a matriz foi reorganizada em unidades curriculares, reservando 180 horas para eletivas livres cursadas em qualquer área do conhecimento e eliminou as disciplinas eletivas do curso.

Após a promulgação das DCNs, os cursos nas duas instituições observadas organizaram suas matrizes curriculares nos eixos formativos com carga horária de 3.800h na Uerj e 3.300h na Unemat, 240 horas de estágio supervisionado, atividades complementares (200h, na Uerj; 90h, na Unemat) e 300h de ações curriculares de

⁹ Resolução nº 022/2005-Consuni, homologada pela Resolução nº 013/2005-Ad Referendum do CONSUNI; a RESOLUÇÃO Nº 139/2008-CONEPE que homologou a Resolução nº 064/2008- Ad Referendum do CONEPE; a Resolução nº 013/2012-CONSUNI; a Resolução nº 027/2016-CONEPE; Resolução nº 038/2016-CONSUNI; a Resolução 001/2020-CONEPE que homologou a Resolução nº 007/2019-AD Referendum do CONEPE.

¹⁰ Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018 que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências.

extensão na Unemat. Na Uerj, as disciplinas eletivas são “eletivas restritas” (estágio e TCC – opções por práticas específicas), “eletivas universais” e “eletivas definidas”.

São 23 disciplinas obrigatórias (Tabela 1) das IES que atendem aos contextos regional e local (12 eletivas¹¹ na Uerj; nenhuma na Unemat, eliminadas em 2021) identificadas a partir do eixo humanístico em diálogo com os outros eixos: I-humanístico (14), duas delas categorizadas como específicas e contextuais na matriz da Unemat; II-específica (2); III-contextual (1); IV-profissional (2), duas elencadas como de formação humanística; e V-aplicação processual (1).

Nas duas instituições, disciplinas de outras áreas do conhecimento aparecem estão presentes nos períodos pré e pós-DCNs: Filosofia, Sociologia e Psicologia na Unemat; Economia na Uerj. Na Uerj, o contexto comunicação e política pode ser verificado em disciplinas como “Jornalismo e Realidade Social Brasileira” que deu lugar a “Comunicação e Política” (específica) e “Realidade Socioeconômica Política Brasileira”, eliminada na última atualização. Temáticas da comunicação se aliam à diversidade do contexto social na Uerj pós-DCN com as disciplinas de eixo humanístico: Comunicação e Cidade; Comunicação e Esporte; Cibercultura (essa disciplina foi eliminada na última atualização, na Unemat); Comunicação e Arte; e duas disciplinas de Tópicos Especiais em Comunicação I e II.

Na Uerj, a dimensão cultural é visível nos eixos humanístico (História Social e Cultural Moderna e Contemporânea; Comunicação e Filosofia Crítica da Cultura) e profissional (Jornalismo, Cidade e Memória; e Jornalismo Popular) pós-DCNs. Maior proximidade com a comunidade pode ser vista em “Comunicação e Cultura” (duas disciplinas na Uerj; e uma na Unemat); e “Comunicação Comunitária” (na Unemat, Comunicação Rural e Comunitária, pós-DCN). Respalhada nos referenciais de Paulo Freire estão “Mídia, Educação e Cultura (Uerj) e “Comunicação, Educação e Cidadania” (Unemat), que passou de eletiva a obrigatória na última versão. Inserida apenas em 2021 no currículo da Unemat, “História do Jornalismo” (específica) acompanha a matriz da Uerj pré e pós-DCNs.

¹¹ São elas: Comunicação e Filosofia Crítica da Cultura; Comunicação e Cidade; Comunicação e Esporte; Cibercultura; Tópicos Especiais em Comunicação I e II; apenas Língua Brasileira de Sinais (Libras) é disciplina pertencente a outra área do conhecimento. Desde a matriz anterior, as disciplinas do eixo de aplicação processual se referem à especialização jornalística (Internacional, Político, Socioambiental, Cultural, Esportivo e Econômico). Na Unemat, Jornalismo Especializado (eletiva pré-DCNs) torna-se matéria obrigatória, equivalente à especialização na Uerj (jornalismo Internacional, Político, Socioambiental, Cultural, Esportivo e Econômico).

Tabela 1: Disciplinas sobre local-regional pré e pós DCN 2013

Disciplinas obrigatórias com conteúdo local-regional pré e pós Diretrizes Curriculares Nacionais 2013						
Disciplina	Eixo	UERJ		Unemat		Situação
		pré	pós	pré	pós	
Filosofia	I					
Sociologia	I					
Psicologia	I					
Jorn. e Realidade Social Brasileira	I					Realidade Socioeconômica Polít. Brasileira (Unemat).
Economia	I					
Comunicação e Cultura	I II					(I e II, na Uerj)
História Social e Cultural Moderna e Contemporânea	I					
Comunicação e Filosofia Crítica da Cultura	I					
Comunicação e Cidade	I					
Comunicação e Esporte	I					
Cibercultura	I					
Tópicos Especiais em Comunicação	I					duas disciplinas (I e II)
Mídia, Educação e Cultura	I III					Comunicação, Educação e Cidadania (Unemat)
Comunicação e Arte	I					
Comunicação e Política	II					
Comunicação Comunitária	II					Comunicação Rural e Comunitária (Unemat)
Jornalismo Local e Regional	II					
Jornalismo Especializado	V					Especializados (pré-D).
Jornalismo, Cidade e Memória	IV					
Jornalismo Popular	IV					
História do Jornalismo	II					H.Imprensa (pré-D/Unemat)

Fonte: Elaboração a partir das DCNs 2013 e dos PPCs específicos (Uerj, 2014; Unemat, 2021).

Legenda: eixos de formação humanística (I), específica (II), contextual (III), profissional (IV) e aplicação processual (V).

Da história do jornalismo ao jornalismo local e regional

Como aplicação na realidade, as disciplinas “História do Jornalismo” (até 2021, a história abrangia apenas a imprensa em geral na Unemat) e “Jornalismo Local e Regional” ajudam a averiguar o ensino de jornalismo de proximidade na metrópole do Rio de Janeiro e em cidades mato-grossenses (Alto Araguaia, cidade pequena; e Tangará da Serra, região imediata) a partir das respectivas ementas:

História do Jornalismo (Uerj, 2014): O jornalismo e o tempo presente; do jornalismo político ao jornalismo noticioso; periódicos abolicionistas e o modelo partidário; processos de industrialização; a concentração empresarial no Brasil; a modernização em meados do século XX; regimes autoritários e censura; imprensa alternativa; tendências e transformações nos processos jornalísticos contemporâneos.

Jornalismo Local e Regional (Unemat, 2021): A comunicação midiática e os fenômenos regionais e locais em relação aos processos de globalização. O desenvolvimento da comunicação regional. A questão do local. As características da mídia regional e local e suas interfaces. A questão da mídia de proximidade. As configurações de jornais locais, TVs regionais, rádios de pequeno alcance. A questão da territorialização e desterritorialização no contexto da globalização.

A dimensão temporal está presente na ementa de História do Jornalismo ao delinear uma linha do tempo em que a articulação do presente e do passado revisita periódicos abolicionistas, partidários e alternativos até chegar aos contemporâneos. Nas capitais dos dois estados aqui analisados é possível que os futuros profissionais percorram trilhas históricas que assinalam como regimes autoritários instauraram a censura no jornalismo até tendências e transformações em períodos democráticos.

Desde 1808, quando a imprensa oficial se estabeleceu no Rio de Janeiro com a chegada da família real, foram inúmeras as transformações na capital do Império, depois capital da República até 1961. As referências espaço-temporais presentes na cidade permitem que estudantes de Jornalismo tenham contato direto com a história de uma imprensa local que é também referência nacional. Em 2017, por exemplo, o plano de aula de História do Jornalismo incluiu um roteiro com visitas agendadas a acervos de jornais, revistas e mapas centenários da cidade distribuídos em instituições como o Arquivo Nacional, o Arquivo Geral da Cidade, a Biblioteca Nacional e o Arquivo Histórico do Itamaraty.

Estudantes de jornalismo da Unemat também podem ter acesso ao acervo mantido pela Superintendência de Arquivo Público do Governo do Estado de Mato Grosso, na capital Cuiabá, a documentos históricos como avisos imperiais e jornais microfilmados datados desde meados dos 1800. É o caso de publicações como *A Província de Matto Grosso* (1879-1889); *O Iniciador* (1879-1886); *O Matto-Grosso* (1890-1937) e *O Republicano* (1895-1899)¹².

Considerando o contexto geográfico, a disciplina Jornalismo Local e Regional é um verdadeiro laboratório de pautas e relatos jornalísticos em diversas escalas (local, regional, nacional e internacional, visto que o estado mato-grossense está inserido em três biomas brasileiros – Pantanal, Amazônia e Cerrado. Igualmente, as referências bibliográficas das disciplinas levam os estudantes a compreenderem a história da

¹² Superintendência de Arquivo Público, Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão, Governo de Mato Grosso. Acesso em 06/08/2021 em <http://www.apmt.mt.gov.br/site/sobre-o-acervo/>

imprensa articulada à história do país em sintonia com a história das cidades e com a própria história do Jornalismo.

Considerações finais

Compreendido o contexto cultural em sua temporalidade e espacialidade, os futuros jornalistas podem aprofundar o seu conhecimento da dimensão da comunicação midiática com base em parâmetros locais, regionais e nacionais. Em relação a questões contemporâneas do jornalismo, a mídia de proximidade passa a ser observada em alcance e processos distintos de (des)territorialização, principalmente conteúdo jornalístico direcionado a demandas da comunidade, confirmado pelo referencial teórico e prático de ementas discutidas.

O processo histórico da imprensa vai se articulando à história do país em sintonia com a história da cidade e da própria história do Jornalismo. A isso se agrega questões de identidade cultural, de cultura local e de aspectos relativos a mídia e região, todas como dimensão estratégica de formação. A análise das ementas e referências permite afirmar que o ensino de jornalismo local e regional atende às orientações das Diretrizes Curriculares (BRASIL, 2013), com a formação de profissionais sensíveis ao contexto local em diferentes dimensões de espaço e tempo, com as relações de poder processadas em diferentes contextos históricos e geográficos, o que gera uma postura crítica comprometida com o desenvolvimento regional e sustentável.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, S. **Territórios do Jornalismo**: Geografias da mídia local e regional no Brasil. Rio de Janeiro/Petrópolis: Editora PUC Rio/Editora Vozes, 2016.

BARBOSA, V. A.; LIMA, E. G. dos Santos. **PIIER - Programa de Integração e de Inclusão Etnicorracial: ações afirmativas na Unemat**. Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB. Campo Grande, MS, n. 32, p. 121-137, jul./dez. 2011.

BORBA, R. G. **Jornalismo Local: espaço para o debate do Desenvolvimento Regional**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Políticas Públicas). Universidade Federal da Fronteira Sul, 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo – Relatório da Comissão de especialistas**. Portaria N. 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009. Brasília, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. **Resolução 01/CNE/CES/2013**, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Brasília, 2013.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia** – de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CASTELLS, M. A sociedade em rede: A Era da Informação – Economia, Sociedade e Cultura. Trad. MAJER, R. V., v. 1, 6ª ed., 29ª impressão. São Paulo: Paz e Terra, 2009 [1996].

CAMPONEZ, C. Jornalismo de Proximidade, Coimbra, Minerva, Coimbra, 2002.

CAMPONEZ, C. Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. In: João Carlos Correia (Org.). **Ágora Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades**. Portugal – Covilhã: LabCom Books, 2012, p. 35-48.

D'ÁVILA, C. S; CAMPIOLO, F. C. A Formação Humanística. MEDITSCH, E.; et.al. (Orgs.). **O Ensino de Jornalismo sob as Novas Diretrizes: miradas sobre projetos em implantação**. Florianópolis: Insular, 2018, p. 21-39.

DORNELLES, B.. Jornalismo "comunitário" em cidades do interior – uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião de leitores. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2004.

DORNELES, B. O localismo nos jornais do Interior. Porto Alegre: **Revista Famecos**. 2010, v. 17, n. 3, p. 237-243, set./dez., 2010.

CPDOC- FGV. **Anos de Incerteza (1930 - 1937)**: Universidade do Distrito Federal. s/d. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/UniversidadeDistritoFederal>. Acesso em: 04 jul. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influência das Cidades – 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

MACHADO, Andréia de Arruda. **Mato Grosso do Sul e sua História: em perspectiva o Período (1977-1998)**. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória) na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Amambai-MS, 2020.

MEDITSCH, E.; et.al. (Orgs), **O Ensino de Jornalismo sob as Novas Diretrizes: miradas sobre projetos em implantação**. Florianópolis: Insular, 2018.

MEDITSCH, E.; KRONBAUER, J.; BEZERRA, J. F. (Orgs.). **Pedagogia do Jornalismo: desafios, experiências e inovações**. Florianópolis: Editora Insular, 2020. 376 p.

MARQUES DE MELO, J. Teorias do Jornalismo: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MENEZES, M. P. Pensando desde o Sul e com o Sul. In: MENEZES, M. P et.al. (orgs). Boaventura de Sousa Santos - Construindo as Epistemologias do Sul. Antologia essencial. v. 1

(Antologías del Pensamiento Social Latinoamericano y Caribeño / Gentili, Pablo), Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. 688 p.

NAKAMURA, Paulo Hideo. **A necessidade de estudos comparados na educação superior: o caso brasileiro**. Revista Temas em Educação, v. 22, n. 2, jul.-dez. 2013.

PERUZZO, C. M. K. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências**. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1º sem. 2005.

SANTOS, M. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal, 29ª ed., Record, 2019[2000].

SANTOS, M. O modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Revista Território**. Ano IV, nº 6, jan/jun, 1999.

SILVA, S. P. da R. O Rio de Janeiro e a Guanabara nos anos 1970: a fusão, o chaguismo, o amaralismo. Caicó-RN: MNEME - REVISTA DE HUMANIDADES, v. 11, n. 28, ago./dez., 2010.

SOUZA, M. L. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

SOUZA SANTOS, B. A globalização e as ciências sociais, São Paulo: Cortez, 2002.

SUPERINTENDÊNCIA de Arquivo Público, Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão, Governo de Mato Grosso. Acesso em 06/08/2021 em <http://www.apmt.mt.gov.br/site/sobre-o-acervo/>

UERJ. Grade curricular do curso de Jornalismo. Faculdade de Comunicação Social, Departamento de Jornalismo, 2021.

UNEMAT. Ações Afirmativas – entenda como funciona o Sistema de Cotas na Unemat. 2020. Disponível em: <<http://portal.unemat.br/?pg=site&i=proeg&m=acoes-afirmativas>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

UNEMAT. Histórico. Disponível em: http://www.unemat.br/index/conteudo.php?id_conteudo=1. s/d. Acesso em: 04 jul. 2021.

TAYLOR, P.; HOYLER, M.; VERBRUGGEN, R. External urban relational process: Introducing Central Flow Theory to complement Central Place Theory. Urban Studies vol. 47(13), 2010, p. 2803-2818.

WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

KUNCZICK, M. **Conceitos de jornalismo**: norte e sul. São Paulo: Edusp, 2001.